

Cerâmicas de paredes finas e lucernas

EURICO DE SEPÚLVEDA
CATARINA BOLILA

No passado ano de 2010 foi dado à estampa o número 3 da revista “MUSA Museus, Arqueologia & Outros Patrimónios” que, entre os vários artigos que o constituem, apresenta um novo conjunto de mosaicos romanos descobertos em Setúbal.

Pertencem a este conjunto três mosaicos, os quais foram detetados durante duas intervenções arqueológicas urbanas efetuadas na “baixa da cidade”, mais precisamente no nº 19 da Rua António Joaquim Granjo e no nº 75 da Rua Arronches Junqueiro, nos anos de 2008 e 2009 (Tavares da Silva, Soares & Wrench, 2010, p. 149-164).

Na primeira intervenção, foram postos a descoberto em duas salas do edifício A dois destes mosaicos sendo o terceiro, resultado da intervenção efetuada no segundo sítio arqueológico.

O presente trabalho pretende, pois, contribuir, com base no espólio de cerâmicas de paredes finas e de lucernas, obtido na Rua António Joaquim Granjo nº 19, ao qual haverá a necessidade de juntar todos os outros espólios de elementos datantes, para a obtenção de uma cronologia fina da ocupação, em tempos romanos, dos espaços escavados.

Começaremos pela apresentação do Quadro 1 a partir do qual se pode concluir que na rubrica referente às cerâmicas destinadas a beber e conter líquidos foram encontrados 54 fragmentos, que representam 69.23% do total do espólio, e que, após colagens, resultaram em 22 NMI (68.75%), enquanto o segundo conjunto, que corresponde aos utensílios cerâmicos de iluminação, não chega à vintena e meia, com 24 fragmentos, 30.77%, correspondendo a 10 NMI (31.25%).

Decidimos, assim, começar pelo conjunto mais significativo, ou seja, o das cerâmicas de paredes finas, optando por uma análise descritiva de tipo formal a que lhe adicionámos vários outros fatores,

Quadro 1 – Rua António Joaquim Granjo,19. Número de fragmentos e NMI de cerâmicas de parede finas e de lucernas e suas percentagens.

| Tipo | Nº de fragmentos | % | NMI | % |
|----------|------------------|--------|-----|--------|
| CPF | 54 | 69,23 | 22 | 68,75 |
| Lucernas | 24 | 30,77 | 10 | 31,25 |
| Total | 78 | 100,00 | 32 | 100,00 |

que abrangem desde o local da sua produção, da sua cronologia, passando pelas características das pastas e engobes, terminando com a obtenção, sempre que possível, de paralelos exumados de arqueossítios romanos no atual território português.

É, pois, sobre esta panóplia de copos, taças, chávenas, pratos e fundos, juntamente com os materiais de iluminação, que iremos apurar cronologias e identificar movimentos comerciais que tiveram lugar durante a ocupação romana do sítio, a qual tem como testemunho do quotidiano de então estes dois conjuntos encontrados durante a intervenção arqueológica na Rua António Joaquim Granjo.

Cerâmicas de paredes finas

Copo Mayet IIA (=Passelac PAR-FIN 2A, 1993, p. 513)

A esta forma pertence um fragmento com perfil completo de bordo (RAJG.19/385 Fig. 1, nº 1)

de um copo alto fusiforme, tendendo por vezes para o ovoide, o qual se encontra fraturado no ponto de inflexão para o bojo. Esta inflexão está sugerida por uma ranhura muito fina, a partir da qual não se possui o resto da peça.

Este copo é bastante representativo de espaços com ocupação romana centrada num período lato de tempo que, para Françoise Mayet (1975, pp. 26-29), se estende desde o “[...]dernier quart du II^e – premier quart du I^{er} siècle av. J.C.”. Trata-se de copos de bordo “ouvert” ligeiramente oblíquo, que deram lugar, durante o tempo da sua produção e de subsequente oferta nos mercados romanos da época, às variantes A, B, C, e D, definidas pela investigadora, as quais se tornaram em fiáveis indicadores cronológicos.

No entanto, com o avançar de novas investigações arqueológicas, estas cronologias foram sendo afinadas, alargando-se o intervalo diacrónico com um início da produção/oferta para o primeiro quartel do séc. II a.C., mantendo-se, contudo, o seu desaparecimento dos mercados por volta de 50 a.C., mas com alguns achados em época já do principado de Augusto (López Mullor, 1990, pp. 199, 200).

A pasta é de tipo “sanduiche”, em que o cerne é de cor cinzenta escura (10YR 4/1), e os limites deste de cor alaranjada (5YR 5/6), sendo compacta, ausente de e.n.p., de fratura retilínea e ligeiramente porosa. Tem ainda como característica a ausência de engobe.

Pensamos que este exemplar tenha sido decorado com fino guilhoché, do tipo de pequenos traços verticais agrupados a três, e separados, atendendo ao facto de ainda serem visíveis dois grupos que estão aplicados no bordo, ligeiramente acima da ranhura.

Fragmentos deste tipo de copo constam dos espólios romanos do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal (Sepúlveda *et al.*, 2003, p. 389, 390 e fig. 1, nº 1-3) e paralelos para este fragmento encontram-se ainda em Abul, concelho de Alcácer do Sal (Mayet & Tavares da Silva, 2002, p. 44, fig. 10, nº 78), no Castro de Chibanas,

concelho de Palmela (Tavares da Silva & Soares, 1997, p. 58), *Scallabis* (Arruda & Sousa, 2003, pp. 247, 248, fig. 4, nº. 23 e fig. 5, nº. 26), Castelo da Lousa, concelho de Mourão (Morais, 2010, p. 162 e Estampa X, nº 4), no Monte Manuel Galo, freguesia de São Miguel do Pinheiro, concelho de Mértola (Alves, 2014, p. 392, fig. 7 nºs 7 e 8), em vários sítios arqueológicos de *Olisipo*, tais como na colina do Castelo (Pimenta, 2014, p. 49, fig. 5 nº11), na Rua do Recolhimento nºs 68-70 (Mota, Pimenta & Silva, 2014, p. 157 fig. 11) e no Beco do Forno do Castelo, Lote 40 (n. 16-20) (Pimenta *et al.*, 2014, p. 140 fig. 25), no Forte de São Sebastião, no concelho de Castro Marim (Arruda & Pereira, 2008, p. 405) e Monte Molião, no concelho de Lagos (Arruda & Pereira, 2010, p. 711, fig. 22, nº 13727).

Copo Mayet IIA ou IID (= Passelac PAR-FIN 2A ou 2D, 1993, p. 513)

A este mesmo tipo, mas possivelmente pertencente à sua variante D, foi exumado um fragmento de bojo de um copo de forma a tender para o ovoide que, de maneira muito ténue, denota o princípio da inflexão para o bordo (RAJG.19/287 - Fig. 1, nº 2).

Assim sendo, e atendendo ao facto de termos encontrado fragmentos em outros sítios com perfis idênticos, parece-nos poder assegurar, com uma relativa certeza, que o fragmento pertencerá a esta forma, embora tivéssemos tido dificuldades na atribuição de uma variante precisa, na medida em que a falta de bordo se torna impeditiva, pois este é um elemento fundamental caracterizante para o estudo destes copos.

Apresenta uma pasta com abundantes e.n.p., em que se distinguem quartzos, sendo porosa e de fratura concooidal, de cor 7.5YR 7/6, alaranjada. O engobe é baço e de cor 10YR 8/4, castanha muito clara.

As variantes A e D têm paralelos na província romana da Lusitânia, atualmente em território

português, na Alcáçova de Santarém (Arruda & Sousa, 2003, p. 247, 248, fig. 4, n.º 22)¹, arqueossítio onde as autoras encontraram outros fragmentos cerâmicos que faziam parte de UE's bem datadas de época republicana e de época augusta. No Cabeço de Vaíamonte, concelho de Monforte, foram também referenciadas por Carlos Fabião, *apud* Arruda & Sousa (*idem*, p. 247), assim como em outros locais arqueológicos quer a norte, quer a sul, como sejam em Braga, sítio das Cavalariças (Morais, 2005, pp. 299, 328 n.º4)², em Conímbriga (Mayet, 1975b, p. 89 e PL. XIII, 1 e2), no Castro de Chibanes, concelho de Palmela (Tavares da Silva & Soares, 1997, p. 58 e fig. 13, n.ºs 11 e 12), Castelo da Lousa, concelho de Mourão (Morais, 2010, p. 154, 155, 162, Quadro 4 e Estampa X n.º 5), no sítio do Vidigal, concelho de Aljezur (Pereira, 2012, pp. 168, 170, Fig. 1.º, n.º 47), Castro Marim (Arruda & Pereira 2008, p. 384) e Monte Molião (Arruda & Pereira 2010, p. 711).

Copo Mayet VIII ou VIII C (= Passelac PAR-FIN 8C, 1993, p. 515)

O fragmento de bordo (RAJG.19/286; Fig. 1, n.º 3), que se caracteriza por ser convexo, com uma altura relativamente baixa, deverá pertencer a copos passíveis de serem classificados como forma 8C, com cronologias que se estendem desde a 2ª metade do séc. I a.C. até à primeira época augusta.

Apresenta uma pasta compacta e dura, com poucos e.n.p. visíveis, de fratura retilínea e pouco porosa, de tipo “sanduíche” de cor alaranjada (7.5YR 7/8) e com o cerne de cor amarelada (10YR 8/8). Não nos parece ter engobe, mas apenas um polimento da parede externa, que a torna brilhante.

Conhecem-se paralelos em Braga (Morais, 2005, p. 299 e “vol. Separatas”, p. 328, n.º 8), *Scallabis* (Arruda & Sousa, 2003, p. 262, 263 e n.º 115), em Arruda dos Vinhos (Cardoso, 2012, exposição temporária)³, no acampamento romano do Alto dos Cacos, concelho de Almeirim (Pimenta, Henriques, & Mendes, 2012, p. 48, 49 fig. 49), na encosta do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal (Sepúlveda *et al*, 2003, p. 384, 389 e fig.1 n.º 4)⁴, no Castelo da Lousa (Morais, 2010, p. 163,165-6 e Est. XI n.º 25), no Monte Manuel Galo, freguesia de São Miguel do Pinheiro, concelho de Mértola (Alves, 2014, p. 392, fig. 7 n.ºs 12 e 13), Teatro Romano de *Olisipo* (inédito), e possivelmente no povoado do Pedrão, concelho de Setúbal (Soares & Tavares da Silva, 1973, Estampa III, n.º 20).⁵

Pertencem também a esta forma mais três bases, duas completas (RAJG.19/280, Fig. 1, n.º 4 e RAJG.19/272, Fig. 1, n.º 5) e uma outra (RAJG.19/487, Fig. 1, n.º 6), que pensamos pertencerem, a partir de possíveis paralelos, a esta forma. Têm como diâmetros 40, 50 e 55mm, respetivamente.

Quanto ao primeiro fundo, apresenta uma pas-

1 - A existência de um fragmento que apresentava o bordo permitiu às autoras, do estudo referido, classificá-lo como, Par-Fin 2A.

2 - Variante D.

3 - Exposição temporária, sem catálogo publicado, organizada por Guilherme Cardoso em 2012. A peça em exposição com o n.º 1 (estudada por um dos autores ES) foi considerada como sendo um bordo deste tipo de copo.

4 - Também nas reservas do Museu Municipal de Pedro Nunes, encontramos vários fragmentos de bordos desta forma e suas variantes – APF01, APF02, APF04, APF05, APF06, MMPN/D.D. 47, MMPN/D.D. 121 e possivelmente MMPN/ 2274-D.D. 23 – que se encontram inéditos.

5 - Os dois fragmentos, exumados do Pedrão, pertencem ambos ao Quadrado (Q) 73 e à Camada (C) 3, tendo sido alvo de apreciação por Jorge da Alarcão que as considerou como possíveis cerâmicas de paredes finas. Embora não tivéssemos a oportunidade de ter tido contacto físico com os fragmentos, pensamos poder ser o n.º 20, classificado como pertencente a esta forma, na base de paralelos obtidos em *Scallabis* (Arruda & Sousa, 2003, p. 264 e 265 n.º 126).

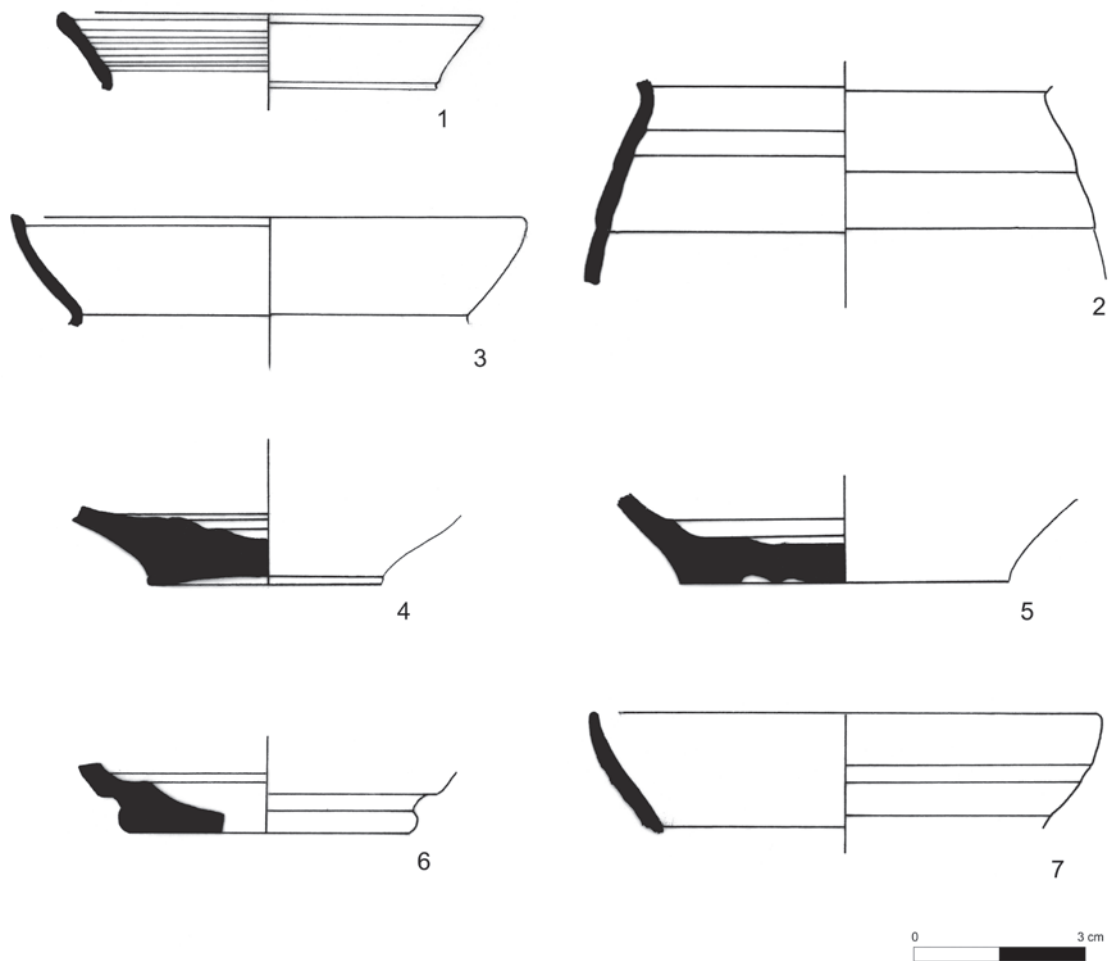


Fig. 1 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmicas de paredes finas.

ta de tipo quartzítico em “sanduíche”, com e.n.p. abundantes, pouco porosa, de fratura irregular e com uma coloração rosada no exterior (7.5YR 8/4), e creme no cerne (2.5Y 8/3). Apresenta apenas engobe na sua superfície interna, sendo este baço e de cor alaranjada (7.5YR 6/6). Encontramos paralelos no Castelo da Lousa (Morais, 2010, p. 164, Est. XVII, nº. 95).

O segundo fundo foi produzido em pasta do tipo arenoso, em que se distinguem a olho nu, abundantes e.n.p. de vários tipos de quartzo, grãos de cor negra, óxidos de ferro e mica do tipo biotite, sendo dura, moderadamente porosa, com fratura irregular e de cor castanha mui-

to clara (10YR 8/4), aparentemente não engobado na superfície exterior e com uma ligeira aguada de cor amarela clara (5Y 8/2) na interior, podendo ser assimilável ao fundo apresentado por Mayet (1975, p. 39, 40, Planche XII, nº 91), embora com diâmetros diferentes.

O terceiro fragmento de fundo tem como característica uma pasta bicolor, cujo exterior tem uma cor alaranjada (7.5YR 6/6), predominando uma coloração cinzenta muito escura (5Y 3/1) no restante fragmento. Morfologicamente, esta pasta é arenosa, tendendo para o compacto, com raros e.n.p. de cor escura e quartzos em maior quantidade, sendo ainda de fratura retilínea e pouco ou

quase nada porosa. Não apresenta engobe visível. Poderá ter como paralelo um exemplar exumado do Castelo da Lousa e classificado por Morais como pertencente a um copo desta forma (2010, p. 163, Est. XI, nº. 28).

Taça Mayet X (= Passelac PAR-FIN 10, 1993, p. 515)

O fragmento de bordo (RAJG.19/570, Fig. 1, nº 7) parece-nos poder ser classificado, com base nos paralelos encontrados, como pertencente a uma taça biansada de pança hemisférica ou não, e com bordo convexo. Esta filiação tem, a nosso ver, um grau de probabilidade de veras bastante baixo, embora tenhamos encontrado exemplares indicados por Mayet (1975, Pl. XVII, n.ºs 131 e 132) e López Mullor (1990, p. 257, 601, 603, lám. 262.2 e lám. 273.1) com diâmetros na ordem dos 90mm.

No caso presente, o bordo, sendo pouco alto, pode permitir-nos arriscar apresentá-lo como assimilável a exemplos atribuíveis por Mayet à sua variante C (1975, p. 45 e planche XIX).

Apresenta uma pasta arenosa, de tipo quartzítico, pouco porosa, de fratura a tender para o retilíneo, e de cor que varia entre o cinzento-escuro (7.5YR 3/1) e o castanho-escuro (7.5YR 3/2). Não apresenta engobe, embora, devido ao queimado da parede externa, nos possa parecer que pudesse ter tido uma aguada.

Os paralelos que encontrámos para este bordo localizam-se na Alcáçova de Santarém (Arruda & Sousa, 2003, p. 270, 271 e 273, fig. 15, nº 164) onde o bordo apresentado ostenta uma decoração de finas ranhuras como no exemplar da Rua António Joaquim Granjo, nº 19, e em Braga nos sítios arqueológicos do Albergue, das Cavalariças e de São Geraldo, todos de produção itálica com origem na Etrúria (Morais, 2005, p. 299 n.ºs 15-20) e tendo uma cronologia de meados do séc. I a.C. até Cláudio (?)⁶.

Consta também do material exumado, duas bases (RAJG.19/349 Fig. 2, nº 8 e RAJG.19/289 Fig. 2, nº 9) passíveis de pertencerem a taças com esta forma. A primeira tem um diâmetro de 60mm ostentando uma fina ranhura na zona próxima do pé.

A pasta é caracterizada por ser arenosa, pouco compacta, com e.n.p. de quartzo visíveis também à superfície, de fratura irregular e com uma coloração alaranjada (7.5YR 6/6), não apresentando engobe visível, com cronologia Augusto-Tibério. Apresenta paralelos com os fundos encontrados na Alcáçova de Santarém (Arruda & Sousa, 2003, p. 272, fig. 15, nº 171) e, possivelmente, no Castelo da Lousa (Morais, 2010, p. 163, Est. XIII, nº. 50)

A segunda, ligeiramente diferente da anterior, com um diâmetro relativamente menor de 54mm, enquadrar-se-á melhor na forma equivalente a Marabini XXV para os exemplares de Cosa, com cronologia anterior a Augusto, prolongando-se, neste sítio arqueológico, pelo principado de Cláudio. A sua pasta é de tipo arenoso, quartzítica, como a indicada para a base anterior, com micas de tipo moscovite, irrompendo à superfície, de cor castanha muito clara/creme (10YR 8/3). Encontra-se engobada internamente e externamente por um engobe espesso de cor avermelhada (5YR 6/6).

Copo Mayet XXI (= Passelac PAR-FIN 21, 1993, p. 517)

Um fragmento de pequenas dimensões (RAJG.19/347, Fig. 2, nº 10), proporcionou o perfil completo do bordo de um pequeno copo de forma ovoide com colo e lábio ligeiramente inclinado para o exterior, separado do corpo por um pequeno ressalto. A parede interna apresenta um conjunto de finas marcas paralelas resultantes do seu processo produtivo.

6 - Passelac apresenta uma cronologia de meados do séc. I a.C. não ultrapassando o primeiro decénio da Era.

Estes copos, tendo origem possivelmente na Itália do Norte (Ricci, 1985, p. 257) foram copiados na Península Ibérica mais precisamente nas olarias ebusitanas durante a época de Tibério-Cláudio⁷.

Possui pasta de tipo compacto, de fratura irregular e pouco porosa, com poucos e.n.p., e de cor cinzenta (2.5Y 5/1), estando coberta por um engobe/polimento brilhante de coloração cinzenta escura (2.5Y 4/1).

Para além deste, existe mais um fragmento (RAJG.19/567, Fig. 2, nº 11), que apresenta uma porção de parede com arranque do colo, assim como a inflexão que o separa da sua parede inferior. Possui o mesmo tipo de pasta do fragmento descrito anteriormente, embora seja diferente no seu tipo de fratura, que tende a ser retilínea, e na sua cor cinzenta (2.5Y 6/1); porém quanto ao engobe, mostra também um brilho metálico, embora seja de uma tonalidade cinzenta muito escura (2.5Y 2.5/1).

Estes copos são idênticos, na sua forma, aos encontrados, em arqueossítios romanos no atual território português tais como: no Castelo da Lousa (Morais, 2010, p. 171, estampa XVI, nº 77), na alcáçova de Santarém (Arruda & Sousa, 2003, p. 272-274), na encosta do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal (Sepúlveda *et al.*, 2003, p. 384, 385 e 390), no Monte Manuel Galo, freguesia de São Miguel do Pinheiro, concelho de Mértola (Alves, 2014, p. 392, fig. 7 nºs 9-11), no teatro romano de *Olisipo* (inédito) e em Tróia (inédito).

Copo Mayet XXXIIIA (= Ricci Tipo 2/344, 1985, p. 286)

Em relação ao fragmento de parede de taça

possivelmente de forma hemisférica e com decoração (RAJG.19/281, Fig. 2, nº 12), foi-lhe atribuído esta classificação com base na constituição dos elementos não plásticos que foram observados na sua pasta, no tipo de cozedura, assim como na ausência de engobe, o qual parece-nos ter sido substituído por um ténue brunido. Para além destes fatores analisados foi também a gramática decorativa que a parede do copo apresenta que pesou na nossa decisão, na medida em que Mayet, em paralelos referentes a Ampúrias (1975, p. 67-68, Planche XXXIV, nºs 273 e 274), a considerou como uma característica muito específica para que definisse uma variante da forma em apreço.

Esta decoração é constituída por uma série de cinco caneluras, paralelas, que se encontram separadas umas das outras e onde estes espaços estão preenchidos por aplicações idênticas de guilhocé, que sugerem a representação de ondulação. Parece-nos, pois, poder ser enquadrada na “decorazione 5a, 5c, e 5m”, de Ricci (1985, p. 316, 317 e Tav. CII)⁸.

Apresenta uma pasta em que se distinguem e.n.p. de cor negra que correspondem a elementos vulcânicos de tamanho variado, com uma fratura rugosa, pouco porosa e bicolor (castanho forte na superfície externa: 7.5YR 5/8; e cinzento forte na interna: 2.5Y 7/1). Por sua vez, o copo não possui qualquer tipo de engobe, como já tínhamos referido *supra*.

É sem dúvida uma peça de importação dos centros produtores oriundos do centro e do centro sul da Península Itálica atendendo fundamentalmente aos desengordurantes de origem vulcânica que compõem a sua pasta, e terá um período de produção que vai desde época augusta atingindo todo o principado de Tibério.

Em Abul, foram exumados vários fragmen-

7 - No Castelo da Lousa, Morais (2010, p. 158, Quadro V) referindo-se aos exemplares considerados como pertencentes à produção da ilha de Ibiza, atribui-lhes uma cronologia de Augusto.

8 - Ricci, a páginas 317, indica como exemplo para a Península Ibérica precisamente os mesmos exemplares dos copos que foram referidos por Mayet.

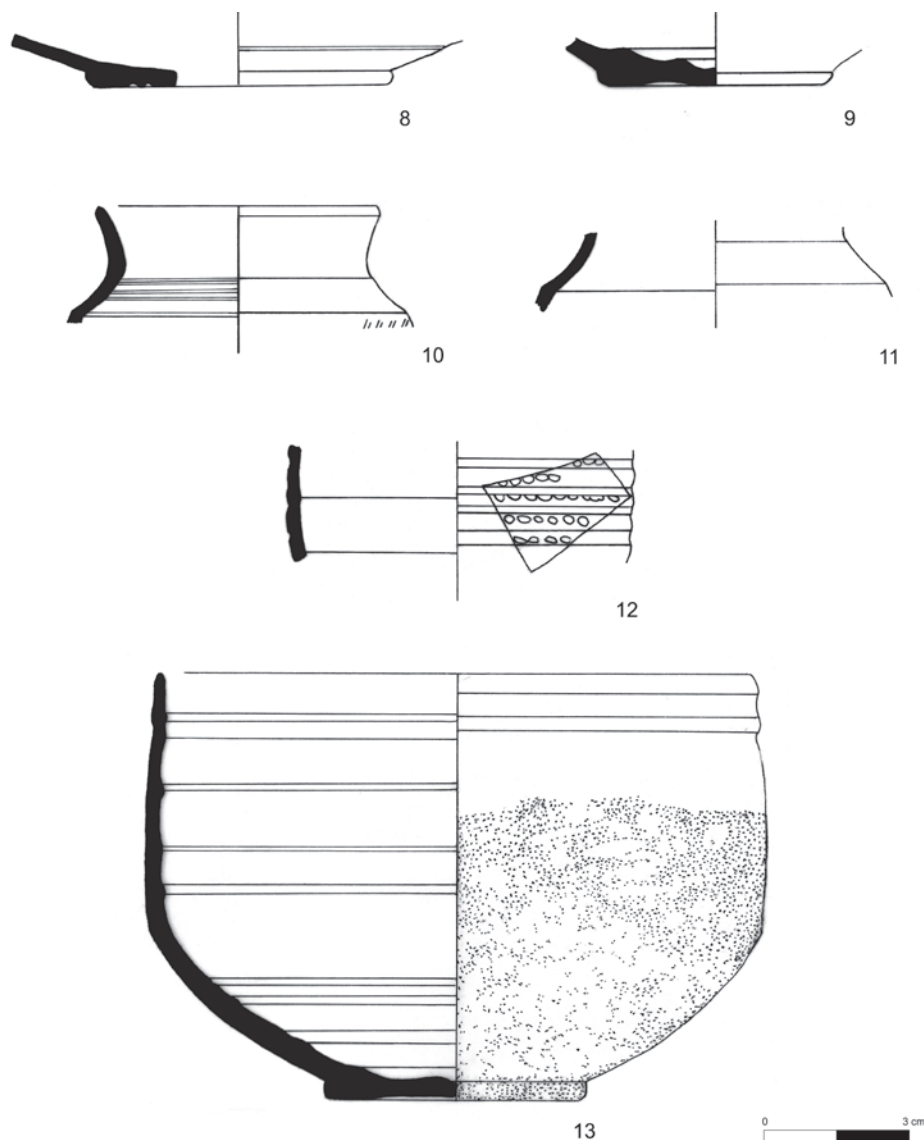


Fig. 2 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmicas de paredes finas.

tos deste tipo de taça, dos quais apenas um nos parece ser paralelo para esta peça do espólio da Rua António Joaquim Granjo, nº 19, embora não possua decoração (Mayet & Tavares da Silva, 2002, p. 44, fig. 10, nº 81).

Taça Mayet XXXIV (= Passelac PAR-FIN 34, 1993, p. 519)

Um pequeno fragmento de parede de taça

(RAJG.19/285), de espessura que não ultrapassa 1,3 mm, embora não tivéssemos obtido o seu perfil, é sem dúvida proveniente das olarias béticas (López Mullor, 2008, p. 367 e 368, fig. 14) e pertencente às cerâmicas chamadas tipo “coquille d’ouef”.

Possui uma pasta de fratura retilínea, pouco porosa e de cor cinzenta clara avermelhada (2.5YR 7/1). Quanto ao engobe, é muito fino, parecendo quase uma aguada de coloração amarela muito clara (2.5Y 8/3). Na superfície

externa, apresenta ainda traços oblíquos, que nos parecem ser resultantes da ação de polimento, ou possivelmente do trabalho de desbaste da peça.

A esta produção é-lhe atribuída uma cronologia geral de finais de Tibério, com um grande “flourit” em tempos de Cláudio, continuando em época de Nero e tendo seu final, baseado em achados muito esporádicos, nos primeiros anos da época flávia⁹.

Foram encontrados fragmentos desta forma bética, nas Represas (Mayet, 1975, p. 70, Planche XXXV, 285), em Conimbriga (Mayet, 1976, p. 29, Planche V, 12), em *Balsa*, concelho de Tavira (Nolen, 1994, p. 57, 214 pf-7), em Braga, nos sítios de Cardoso Saudade, Frei Caetano Beirão e Termas (Morais, 2005, p. 303 n.ºs 83-88) e Tróia (inédito).

Taça Mayet XXXVII (= Passelac PAR-FIN 37, 1993, p. 520)

Um conjunto de nove fragmentos, depois de colados, (RAJG.19/386, Fig. 2, n.º 13), forneceu-nos o perfil completo de uma taça carenada de tamanho grande, pouco vulgar para este tipo de taças. Encontra-se decorada com granitado arenoso, do tipo Mullor 1a, com deficiente aplicação, sendo proveniente das olarias béticas. O bordo é ligeiramente inclinado para o interior e está separado do lábio por duas caneluras, tendo um pé plano que se encontra também decorado na zona limite da sua circunferência, o que nos leva a pensar tratar-se da aplicação pouco cuidada, já referenciada, do granitado arenoso.

Oferece uma pasta de tipo arenoso, com e.n.p. de pequenas dimensões, entre os quais se distinguem micas, de fratura rugosa e moderadamente porosa, com uma coloração castanha

(7.5YR 5/8). Quanto ao engobe, este é caracterizado por ter sido aplicado sobre a decoração do tipo indicado *supra*, sendo moderadamente espesso, de brilho metálico, de cor alaranjada (5YR 6/6).

Sendo uma das taças do tipo mais comum, quer na forma, quer na decoração de produção bética, durante o período que corresponde ao intervalo entre os finais do principado de Tibério/ inícios do de Cláudio, e mantendo a sua produção durante Nero, podendo estender-se até época flávia (Rodríguez Martín 1996, p. 142), apenas indicaremos alguns locais romanos localizados em áreas circundantes a Setúbal, com espólios com taças decoradas com granitado arenoso: Ilha do Pessegueiro (Tavares da Silva & Soares, 1993, p. 97-98 e fig. 44, materiais da fase IIA), Miróbriga (Nolen, 1976-1977, p. 439 e 440, Est. II, n.ºs 12-14), Abul (Mayet & Tavares da Silva, 2002, p. 45, fig. 11, n.º 96), Alcácer do Sal (inédito), Tróia (inédito), e Teatro Romano de *Olisipo* (em estudo).

Taça Mayet XXXVIII (= Passelac PAR-FIN 37A, 1993, p. 520)

Também foi exumado, durante a intervenção arqueológica, um fragmento (RAJG.19/573 Fig. 3, n.º 14) da parte inferior da parede de uma taça hemisférica, variante da descrita anteriormente, a qual possui, para além de decoração efetuada através de uma aplicação a barbotina, duas finas caneluras que a separam da base da taça, não encontrada.

Esta decoração, embora incompleta, faz parte de uma gramática decorativa utilizada pelos oleiros da Bética, que Mayet classificou (1975: planche LI) como sendo a representação da conjugação do tema das palmetas com folhas de

9 - Mayet aponta como cronologia para estas taças, genericamente, o intervalo de 40 – 80, no entanto Ricci (1985, Tav. CLVII) alarga o *terminus* do seu comércio até ao 1.º quartel do séc. II baseando-se em cronologias dos achados de Óstia.

plantas aquáticas¹⁰ ou com pequenos pontos em relevo “estilo pérolas”, muito popular, na produção destas olarias durante o período que medeia entre o principado de Cláudio e os Flávios.

No presente caso verifica-se a existência de parte do caule da palmeta que se encontra colocado em posição oblíqua em relação ao plano da base, tendo no seu início uma pequena folha, assim como de um lado e do outro algumas hastes das folhas estilizadas que a formam. O fragmento apresenta ainda, no início da sua fratura e no alinhamento do que já descrevemos, o que nos parece ser a extremidade de uma folha ou de um outro caule de forma elipsoidal.

A pasta é arenosa, de fratura concoidal, porosa, com raros e.n.p., entre os quais micas, e de cor alaranjada (7.5YR 7/6). O engobe é castanho alaranjado (5YR 6/8), aderente e de brilho metálico, quer na parede exterior, quer na interior.

Taça Mayet XXXVIII B (= Passelac PAR-FIN 38B, 1993, p. 520)

Um pequeno fragmento de parede de taça alta (RAJG.19/275 Fig. 3, nº 15), que apresenta, no seu topo, duas finas ranhuras paralelas encimadas por restos de uma decoração a guilhoché, deverá pertencer à forma Mayet XXXVIII B, se atendermos ao possível perfil e às características da sua pasta e engobe. A pasta apresenta micas de tamanho bastante diminuto (moscovite) e alguns quartzos, fratura retilínea, sendo dura e não porosa, de coloração alaranjada (5YR 7/6). O engobe aplicado é de tipo metálico, na mesma tonalidade de coloração da pasta. Estas taças altas são, no entanto, pouco conhecidas nos espólios de arqueossítios de ocupação romana com cronologias entre 40 e 60, embora Mayet se refira a 3 exemplares de coleções espanholas, em que um deles, o número 344, poderá servir como paralelo para

o presente exemplar (1975, p. 77-78, Planche XLI, nºs 344-346).

Caneca Mayet XLII (= Passelac PAR-FIN 42, 1993, p. 520)

Foi também exumado um pequeno fragmento de parede que tem o seu início certamente junto à linha que demarca o arranque do bordo (RAJG.19/572 Fig. 3, nº 16) e que pertencerá a uma caneca, que se caracteriza por ser potencialmente alta, de corpo que varia entre uma forma ovoide e globular e que poderá ter, ou não, asa (Mayet, 1975, p. 95-98). A sua exiguidade de tamanho não obsta a que possamos identificar um elemento decorativo, representando possíveis escamas de pinha, que sugerimos ser assimilável aos tipos Ricci 99 ou quiçá 98 (1985, p. 329 e Tavola CVII nºs 14 e 16), embora a peça, no local da decoração, se encontre bastante erodida, e incompleta. Este tipo de caneca foi produzido e comercializado no período que vai de meados do principado de Tibério a finais dos Flávios.

A pasta é compacta, com e.n.p. vestigiais, fratura concoidal, porosa e de cor alaranjada (7.5YR 7/6). O engobe é castanho alaranjado (5YR 5/8), aderente e, embora muito erodido, ainda possui traços de brilho metálico na parede exterior, e muito desvanecido no interior.

Canecas desta forma e, com esta decoração foram encontradas: em Conímbriga (Mayet, 1976, p. 30,33 e planche VII, nº 54), em Balsa (Nolen, 1994, Est. 9, nº 20 22), em *Scallabis* (Arruda & Sousa, 2003, p. 280 - 282 e nº 225), e em Tróia (inédito).

Taça Marabini XXII

A um fragmento de bordo e de grande parte do bojo (RAJG.19/279, Fig. 3, nº 17) atribuí-

10 - Idêntica à decoração dos tipos, nºs 213 e 389 de Ricci (1985, p. 340 e Tavola CXII, nºs 7 e 10).

mos-lhe esta classificação na medida em que se insere dentro dos parâmetros definidos por Marabini para esta forma de taça.

Morfologicamente apresenta um perfil que será tendencialmente cónico e em que o bordo possui um lábio pequeno extrovertido, separado da parede por uma pequena/suave canelura. O desenvolvimento da parede, a partir dela, apresenta uma inclinação, em que tudo leva a crer, irá adelgaçar a taça dando-lhe a forma desejada.

Estas taças têm origem em protótipos de época sidérica (Marabini, 1973, p. 80, 105 e 106) tendo sido exumados, contudo, em níveis de época augusta na Basílica e no Capitólio de Cosa.

Quanto à pasta que a constitui é de tipo arenoso, em que se distinguem e.n.p. de cor negra e vermelha e também de grãos de quartzo de tamanho bem maior, com aparente ausência de micas. Tem fratura rugosa, é dura e bastante porosa, de cor creme (2.5YR 8/2). Na superfície externa encontram-se restos de um engobe que, junto ao lábio, nos parece bem espesso e brilhante, de cor laranja clara (10YR 7/6), enquanto no resto da parede se observa um “dégradé” motivado pela ação lixiviante dos solos (?).

Copo Marabini XXXII (= Mayet XVII, 1975, p. 54)

O fragmento (RAJG.19/271, Fig. 3, nº 18) é constituído apenas por porção da parte inferior do bojo de um copo, de tipo alongado e cónico, de paredes ligeiramente curvas, apresentando decoração a guilhoché, fino e em linhas paralelas (Marabini, 1973, p. 101, 102) e tendo como possíveis paralelos os exemplos da necrópole de Ampúrias estudados por Mayet (1975, p. 54 e Planche XXIV, nºs 184-187).

Os copos desta forma surgem no principado de Augusto, não se encontrando em espólios senão deste período, o que justifica a sua popularidade nos mercados itálicos, não se sabendo o motivo da sua escassez nos mercados ultramarinos.

Apresenta uma pasta com raros e.n.p. constituídos por pequenas micas, sendo dura e de

fratura irregular, ligeiramente porosa, e de coloração laranja acastanhada (7.5YR 5/6). Não possui engobe, mas sim um polimento.

Taça Marabini XXXVI (= RICCI, 2/408)

O fragmento (RAJG.19/571 Fig. 3, nº 19) é constituído por bordo, com lábio ligeiramente voltado para o exterior, com parede de perfil a tender para o hemisférico, e decorada com uma fina ranhura que pertence a uma taça da forma em epígrafe.

Trata-se, pois, de um recipiente que domina os mercados a partir da 2ª metade do séc. I a.C., principalmente desde os inícios da primeira época augusta, continuando a ser produzido durante o séc. I d.C.

Atendendo às características da sua pasta, e do engobe, consideramos pertencer este fragmento exumado na intervenção arqueológica na rua António Joaquim Granjo, a um período entre os principados de Augusto e de Tibério.

A pasta é arenosa, com e.n.p. abundantes, que se encontram bem visíveis na superfície da parede, dura, de fratura irregular, e do tipo bicolor na gama dos alaranjados, sendo um mais claro (10YR 7/6) e outro mais escuro (5YR 7/8).

Em relação ao engobe, este possui como característica a inversão das cores em relação à pasta, ou seja, 5YR 7/8 na superfície externa, e 10YR 7/6 na interna.

Pensamos ter encontrado apenas um paralelo para esta forma, em Abul (Mayet & Tavares da Silva, 2002, p. 44, fig. 10, nºs 81 a 85).

Fragmentos de Cerâmica de Paredes Finas de tipo indeterminado

1 - desenhados

RAJG.19/273 – Fragmento de bordo de taça, (Fig. 3, nº 20) com perfil ligeiramente côncavo, decorado por finas ranhuras paralelas, que termi-

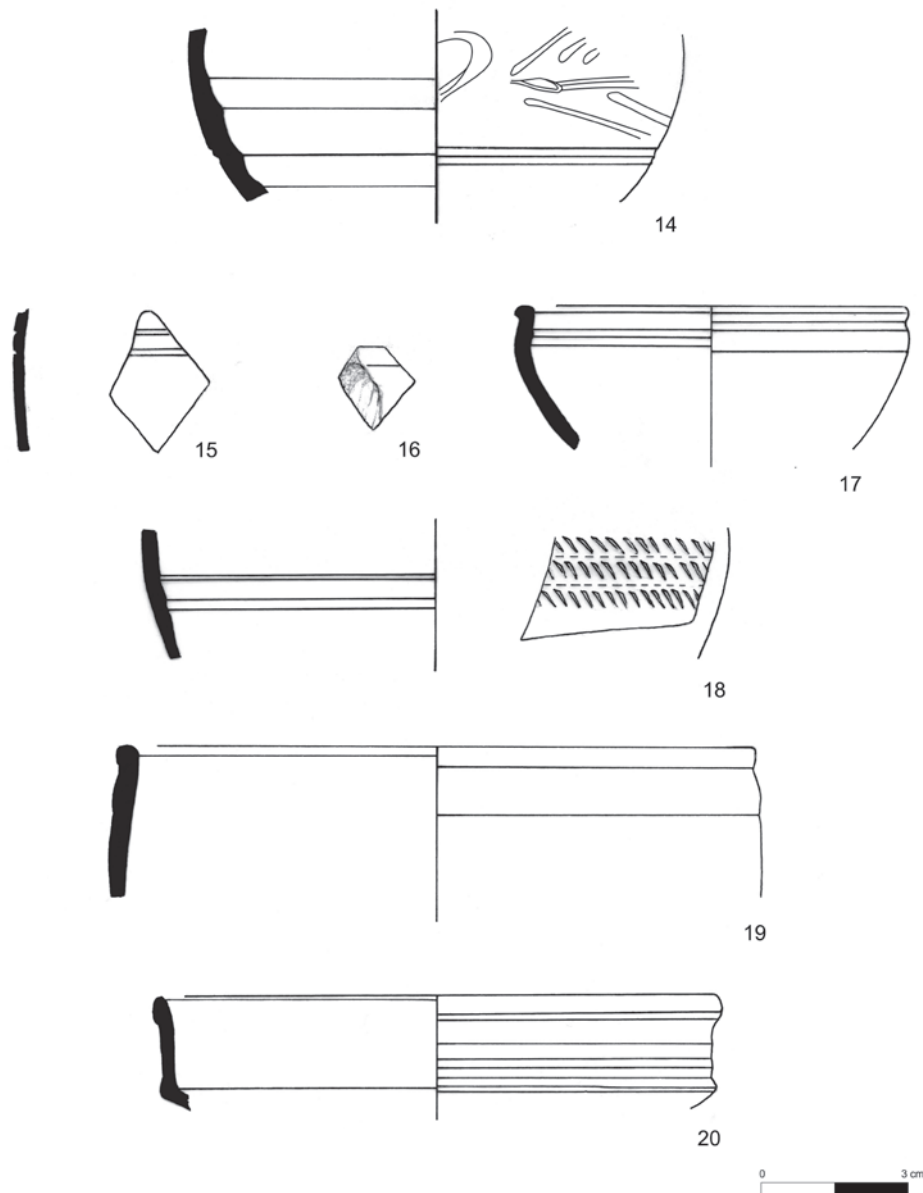


Fig. 3 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmicas de paredes finas.

na no ponto de inflexão da carena. Este bordo, é definido igualmente por ranhuras muito finas. A partir da carena existe o início da parede que inflete obliquamente para a base ¹¹. A pasta apresenta e.n.p. compostos por quartzos, sendo muito dura, de fratura irregular, porosa e de coloração

amarela (10YR 7/6), não apresentando engobe.

RAJG.19/483 – Seis fragmentos, que depois de colados, ofereceram o perfil, a partir da zona de inflexão do colo, de uma parede de forma globular (Fig. 4, n° 21) que nos levou a pensar poder pertencer a uma pequena panela que teria

11 - Parece-nos poder ser considerado como uma cópia de taça de *terra sigillata* de acordo com as novas formas apresentadas por Martín Hernandez & Rodríguez Martín (2008, p. 302, fig.5).

como paralelo um exemplar apresentado para Mérida por Rodríguez Martín (1996a, p. 34 e fig. 9, nº 9). Porém, as características da pasta e a ausência de engobe, indicativo de produções de cronologia alta, levaram-nos a ponderar a hipótese de considerar este fragmento como pertencente, embora com muita precaução, a uma taça da forma Mayet X, com cronologias que se estendem desde a 2ª metade do séc. I a.C. até Augusto (Ricci, 1985, p. 298, Tavola XCVI nº 3)¹². Apresenta uma pasta quartzítica, de fratura irregular, bastante dura, com espessura na ordem dos 2.5 mm, nada porosa e de cor vermelha (2.5YR 6/6). Não possui, como dissemos *supra*, qualquer tipo de engobe¹³, apenas o que aparenta ser um polimento na parede externa, já perto da base.

RAJG.19/578 – Fragmento de parede de forma indeterminada, apresenta guilhoché junto à fratura superior e uma fina ranhura a meio do mesmo (Fig. 4, nº 22). Possui uma pasta compacta com calcites e raras micas, dura, de fratura concooidal, porosa, e de coloração laranja (5YR 5/8). Embora não apresente engobe, a parede externa foi cuidadosamente polida.

RAJG.19/579 – Fragmento de parede (Fig. 4, nº 23) que mostra vestígios de duas caneluras com decoração de guilhoché, de desenho muito fino e longo. Devido ao reduzido tamanho do fragmento não nos foi fácil atribuir a sua filiação numa tipologia adequada. Pensamos poder, contudo, preconizar uma produção talvez emeritense¹⁴, da segunda metade do séc. I d.C. pelo que não seria despidiando indicar que em relação à sua forma, esta poderá ser de uma taça carenada ou globular. Apresenta uma pasta arenosa, com muitos e.n.p. de pequenas

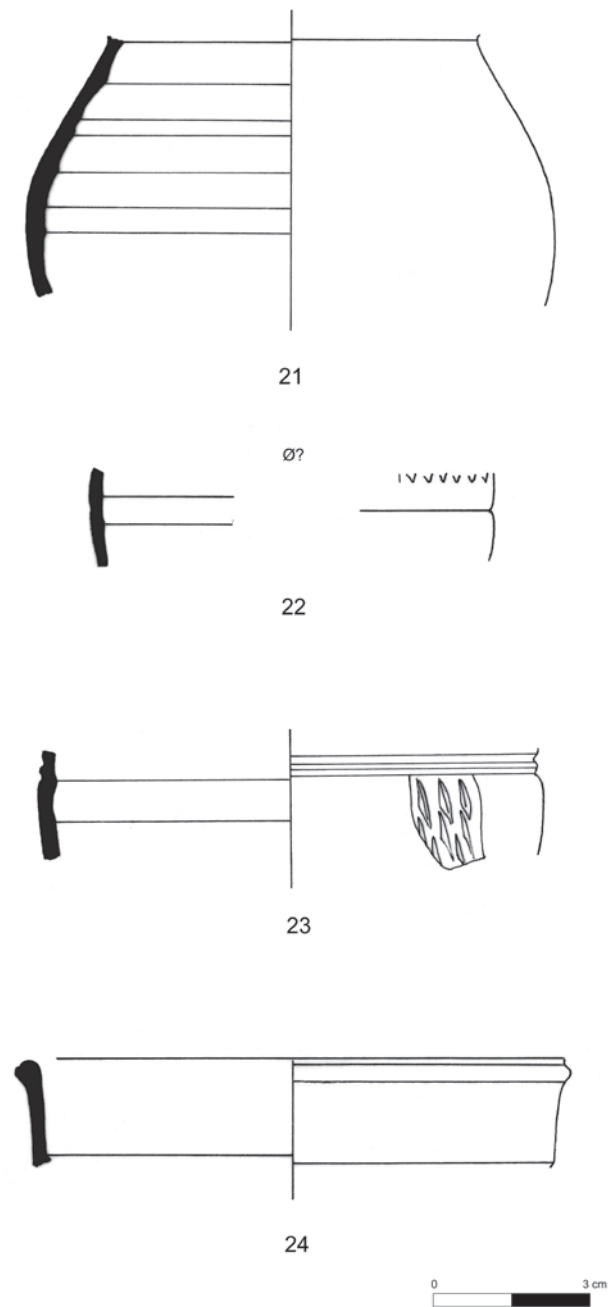


Fig. 4 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmicas de paredes finas.

12 - No atual território só temos conhecimento de paralelos em *Scallabis*, Arruda & Sousa (2003, p. 270), 271), Castelo da Lousa, Morais (2010, p. 156, Est. XIV, nºs. 61 e 62) e em Braga, nos sítios das Cavalariças, Albergaria, Carvalheiras e Termas, Morais (2005, p. 299 e 300). Os exemplares de Braga não apresentam perfis de paredes.

13 - Mayet ao descrever no seu catálogo referente a estas taças apenas indica um exemplar (1975, p. 46, nº178) com restos de engobe.

14 - A forma Mayet XLIII parece-nos a mais adequada, se levarmos em linha de conta os paralelos apresentados por Mayet (1975, p. 101, 102 e planche LXIII, nº 526).

dimensões, embora visíveis a olho nu, com fratura concoidal, moderadamente porosa e muito dura, de cor alaranjada (7.5YR 6/8). Não apresenta qualquer tipo de engobe.

RAJG.19/580 – Porção de bordo de taça com perfil quase vertical (Fig. 4, nº 24). Apresenta lábio triangular, limitado por uma canelura espessa. De forma quase impercetível, nota-se uma inflexão na base do fragmento que sugere a existência de uma carena¹⁵. A pasta é em tudo semelhante à descrita para o fragmento acima apresentado e, como este, também não apresenta engobe.

2- Não desenhados

RAJG.19/274 – Fragmento de parede que possivelmente poderá pertencer à base desenhada, RAJG.19/487.

RAJG.19/277 – Fragmento de bojo.

RAJG.19/284 – Fragmento de colo, muito reduzido, possivelmente de copo da forma Mayet VIII, com 26mm de diâmetro. A pasta é bicolor, com raros e.n.p. de quartzo, de fratura retilínea, dura e pouco porosa, com uma coloração alaranjada no exterior (7.5YR 7/6), e cinzenta clara no interior (7.5YR 7/1). Sem qualquer traço de engobe.

RAJG.19/288 – Fragmento de bojo com possível decoração a guilhoché.

RAJG.19/427 – Fragmento de bojo junto à base.

RAJG.19/481 – Fragmento de bojo com inflexão.

RAJG.19/482 – Pequeno fragmento de bojo.

RAJG.19/568 – Fragmento de bordo extrovertido com lábio de perfil ogival. Devido ao seu tamanho diminuto não podemos afirmar se pertenceria a um copo Mayet IIIB (?), com um diâmetro que se cifra nos 7mm, ou a uma taça. Foi produzido com uma pasta em que os e.n.p. são constituídos por quartzos e micas, de tipo

moscovite, com fratura irregular, dura e em nada porosa; é do tipo bicolor, sendo alaranjada pelo exterior (5YR 7/6) e cinzenta escura pelo interior (5YR 4/1). Não apresenta engobe.

RAJG.19/569 – Fragmento de bojo.

RAJG.19/574 – Fragmento de bojo.

RAJG.19/575 – Fragmento de bojo.

RAJG.19/576 – Fragmento de bojo.

RAJG.19/577 – Fragmento de bojo.

RAJG.19/582 – Fragmento de bojo.

RAJG.19/583 – Fragmento de carena de taça de forma indeterminada. A pasta tem as mesmas características das apresentadas para os fragmentos RAJG.19/579 e RAJG.19/580, sendo, no entanto, mais depurada e não engobada.

RAJG.19/586 – Fragmento de bojo.

Podemos, a partir dos dados apresentados, tirar algumas ilações:

- No conjunto das cerâmicas de paredes finas destaca-se como fator homogêneo a existência da tradicional dicotomia entre o consumo de copos e taças, não existindo referências a pequenas jarras e outros contentores/vertedores de líquidos, estes últimos apelidados de “tisanières” por Mayet (1975, p. 112-114).

- No conjunto dos fragmentos classificados, a percentagem mais elevada diz respeito às taças, com 8 formas identificadas, correspondendo a 57,14%, enquanto os restantes 42,86% pertencem aos copos, com 6 formas.

- Ambos os tipos percorrem de maneira contínua todo o espectro de produção e comercialização tradicionalmente atribuído às olarias romanas com origem quer na península itálica, quer nas províncias romanas da Tarraconense, da Bética ou da Lusitânia.

- Contabilizados que foram os NMI, por sondagem e camada, distinguem-se de maneira pouco acentuada três formas – o copo Mayet II, com as va-

15 - *Idem* nota referente ao fragmento RAJG.19/273.

riantes A e A ou D; o copo/pote Mayet XXI; e a taça Mayet XXXVII, com a forma tipo e a variante A – as quais se encontram repetidas por duas vezes enquanto as restantes estão presentes apenas uma vez.

- Estas formas demonstram padrões de consumo que poderemos, de modo aproximado¹⁶, comparar com os apresentados para a Alcáçova de Santarém, em que a forma IIA está representada com “9 fragmentos de bordo” enquanto a variante D “... apenas por dois fragmentos” (Arruda & Sousa, 2003, p. 247 e 250). Para as autoras, a taça XXXVII é oriunda das províncias da Hispania romana e do sul da Gália (*idem*, pp. 279-281).

- Embora a maior parte dos exemplares provenha de contextos secundários, a sua cronotipologia permite distribuí-los pelas subfases de ocupação IIA (augustana-tiberiana) e IIB (claudiana-flaviana). Assim, à primeira, podem ter pertencido as formas Mayet IIA, IIA ou IID, VIII ou VIIIIC, XXXIIIA e Marabini XXII e XXXII; e à IIB as formas Mayet X, XXI, XXXIV, XXXVII, XXXVIIA e Marabini XXXVI.

Lucernas

Em relação ao conjunto de fragmentos pertencentes a este tipo de cerâmica destinada à iluminação obteve-se, durante a intervenção arqueológica na Rua António Joaquim Granjo 19, um total de 23 fragmentos, cerca de 30% do total do espólio obtido (paredes finas e lucernas), a que correspondem 10 NMI, um pouco mais de 31%. Estes foram seriados em fragmentos de lucernas, discos decorados, orlas com perfis que permitiram inseri-las em tipologias conhecidas, e um conjunto de paredes de reservatório atípico.

As lucernas que apresentamos foram por nós integradas nos tipos: Deneauve IV A (5 exemplares¹⁷) = Dressel/Lamboglia 9; Deneauve V G (1 exemplar); Deneauve VII A = Dressel/Lamboglia 20, (1 exemplar), e Dressel/Lamboglia 27/Loeschcke VIIIA¹⁸ (1 exemplar).

Pertence ao primeiro tipo o exemplar mais completo que possuímos (RAJG.19/46, Fig. 5, nº 1), embora não possua o disco; o restante desta lucerna foi obtido após colagens de oito fragmentos que foram encontrados e que lhe pertenciam.

É constituído por parte do reservatório com base pequena, concava, definida por três anéis “que n'existe guère que dans les exemplaires plus anciens” (Deneauve, 1974, p. 107), arranque de bico incompleto que nos parece ser definido apenas por uma voluta que deverá ser simples, visto não possuir a sua parte final, por um canal que se insinua em direção ao bico¹⁹ e pelo conjunto de molduras do bordo colocadas em plano acentuadamente inclinado para o interior do reservatório. Exibe sinais de utilização junto ao bico.

Apresenta uma pasta bem depurada, verificando-se a existência de minúsculas partículas de micas do tipo moscovite, sendo moderadamente porosa, com uma fratura retilínea e de cor castanha muito clara (10YR 7/3), possuindo um engobe medianamente espesso de cor vermelha (2.5YR 6/8).

A segunda lucerna (RAJG.19/226, Fig. 5, nº 2) está muito fragmentada, pertencendo a este mesmo tipo. É constituída por parte da orla, do reservatório e do bico, de forma ogival, o qual é decorado com voluta simples. A orla caracteri-

16 - Se atendermos ao total dos fragmentos pertencentes ao espólio apresentado para Santarém por Ana Margarida Arruda e Elisa de Sousa.

17 - Estão incluídos neste grupo três fragmentos de disco decorados.

18 - Um exemplar com disco decorado com coroa de carvalho que supomos, pelas suas características formais, pertencer a esta tipologia.

19 - Atendendo ao facto do bico se encontrar partido nesta zona não é possível fazer a sua descrição.

za-se por ser moldurada, possuindo duas molduras com as mesmas características da lucerna RAJG.19/46.

Foi produzida numa pasta de textura arenosa, muito depurada, moderadamente porosa, de fratura retilínea e de cor castanha muito clara (10YR 8/3), sendo engobada por um engobe que nos parece ser do tipo metálico/matizado espesso de cor que varia entre o cinzento-escuro (2.5Y 4/1) e o creme (2.5Y 7/3).

Podemos, pois, a partir destas características colocar estas duas lucernas cronologicamente dentro dos inícios da sua produção, que podemos apontar para finais de Augusto/ inícios de Tibério se levarmos em linha de conta as cronologias propostas por Deneauve, entre Augusto e Cláudio (*ibid*, p. 108), ou por Rodríguez Martín, de Tibério – Cláudio/inícios do Séc. II (2002, p. 23)²⁰.

Quanto à sua difusão, estas lucernas são uma constante dos sítios arqueológicos romanos dentro deste espectro cronológico, não só na *Lusitania*, mas em todo o Império.

Por sua vez, um pequeno fragmento de aleta de orla incompleta (RAJG.19/292; Fig. 5, nº 3) deverá pertencer certamente a uma lucerna da forma Deneauve V G. Na classificação deste investigador são definidas como lucernas de bico redondo e com “...volutes dégénérées et à ailerons latéraux”, que apresentam uma estilização que se aproxima da cauda de andorinha, podendo ser compactas ou perfuradas. No presente caso é do tipo compacto, sendo estas aletas as mais habituais nos espólios conhecidos, e com um círculo de pequena dimensão impresso a delimitar uma das zonas de inflexão.

A sua pasta caracteriza-se por ser arenosa, depurada, dura, porosa e com fratura concooidal e de cor amarela (10YR 7/6), estando reves-

tida por um engobe espesso, brilhante de tipo metálico, possivelmente matizado, de cor que varia entre o castanho (10YR 4/3) e o cinzento (10YR 5/1).

Consideramos ser uma produção emeritense²¹ que cronologicamente estará balizada entre meados do séc. I d.C. e os Flávios/Trajano (Rodríguez Martín, 2002, p. 31; Belchior, 1969, p. 24).

A sua difusão em território atualmente português está atestada em: *Villa* de Cardílio, concelho de Torres Novas (Alarcão & Alarcão, 1966-67, Est. V, nº 17), Conimbriga (Belchior, 1969, pp. 24, 25; Alarcão & Ponte, 1976, p. 99, nº 4; Caetano, 2001, p. 162, Est.10 e 11, nº 38-41), Setúbal, Rua Francisco Augusto Flamengo, nº 10-12 (Tavares da Silva *et al*, 2014, p. 179, fig. 19, 1), Castelo de Alcácer do Sal (Tavares da Silva *et al.*, 1980-81, p. 194) e Azinhaga do Senhor dos Mártires (Pereira, 2013, p. 20), Santa Bárbara, concelho de Castro Verde (Maia & Maia 1997, pp. 34 e 35), e Miroiços de Manique, concelho de Cascais (Cardoso, no prelo, Est. 32, nº 3).

O último fragmento de lucerna (RAJG.19/232; Fig. 5, nº 4) apresenta parte do bico redondo, sem volutas, e um pouco da orla descaída que se tornou de difícil classificação, mas que poderá pertencer provavelmente ao tipo Deneauve VII A = Dressel/Lamboglia 20, de tamanho pequeno, a que podemos atribuir uma cronologia de meados do séc. I d.C. até aos começos/1ª metade do séc. II, possuindo, junto ao bico, uma zona de fumo que indicia ter sido utilizada.

A sua pasta é idêntica à do fragmento anterior, pouco porosa, de cor amarela clara (2.5Y 8/3), com engobe espesso de cor vermelha escura (2.5YR 4/3).

20 - A cronologia varia nos intervalos apresentados conforme os contextos arqueológicos onde estas lucernas são encontradas.

21 - Temos sérias dúvidas quanto à produção olisiponense proposta por Vieira (2011, pp. 72, 73, Estampa XXIX, nº 198), e mais tarde por Pereira (2013, p. 24) deste tipo de lucernas, na medida em que o paralelo apresentado para a decoração do disco, do molde encontrado na Praça da Figueira com a figura de tritão (Rodríguez Martín, 2002, p. 85 e Fig. III nº 35) é classificada como Deneauve VA, pelo investigador espanhol, baseado certamente na ausência de aletas laterais, como é o caso do molde apresentado.

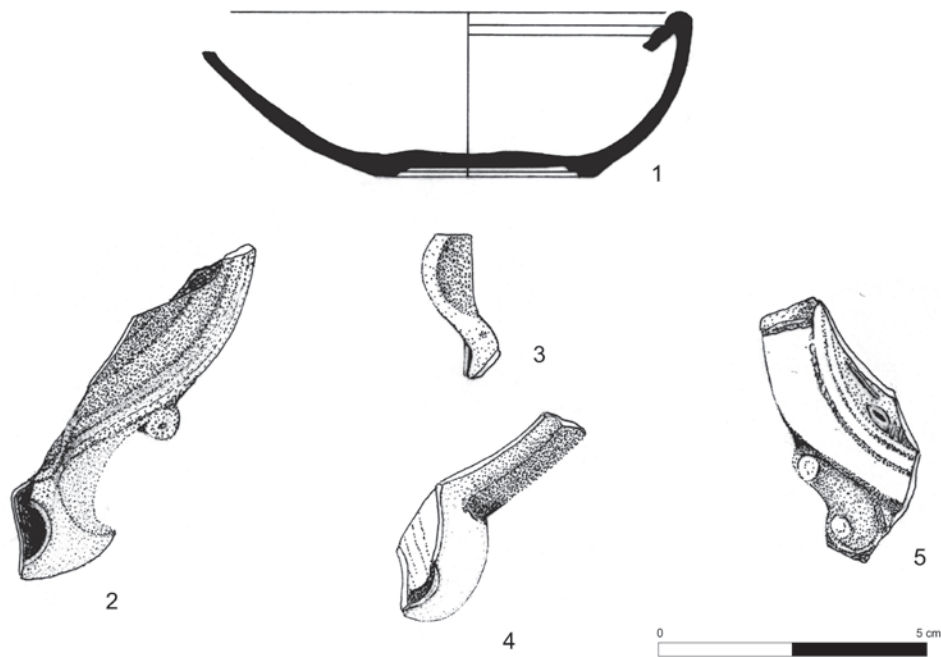


Fig. 5 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Lucernas.

Discos decorados

Cenas de anfiteatro (?)

Um dos fragmentos de lucerna, que pensamos ser do tipo Deneauve IV A = Dressel/Lamboglia 9, *supra* descrita, apresenta apenas a parte que corresponde a uma voluta dupla, orla moldurada e plana, parte do disco decorado e arranque da parede lateral do reservatório (RAJG.19/231; Fig. 5, nº 5).

A decoração aplicada ao disco tornou-se ponto de discussão atendendo a que estaria colocada no eixo da lucerna, mas no sentido bico/asa, o que pensamos ser invulgar ou raro na gramática decorativa romana, quando se refere a um só gladiador ou a combates entre estes²². A

leitura que propomos, e que poderá ser a mais correta, é a de se tratar de uma representação de um gladiador, em pose impossível de definir. Pensamos que a representação do braço esquerdo, protegido pela *manica*²³, e da sua mão²⁴, se encontram presentes.

Esta interpretação leva-nos a colocar a hipótese de existirem como paralelos, para esta cena, a lucerna nº 321 de Cartago (Deneauve, 1974, pp. 99 e 113; Planche XXXVIII), na medida em que foi encontrada a representação desta figura – *manica* e mão – no catálogo respeitante a esta cidade romana do norte de África, e possivelmente uma lucerna apresentada no catálogo da exposição realizada em Lattes e Toulouse no ano de 1987 em que no disco está representada uma

22 - A investigação que fizemos a este pequeno fragmento leva-nos também a pensar na possibilidade da decoração poder encaixar-se em outras gramáticas decorativas, que não a da representação de *ludus gladiatorius*.

23 - Trata-se de uma proteção para o braço, elaborada por tiras de couro que, na maioria das vezes, eram colocadas de forma sobreposta (Nossov, 2009, p. 90-91).

24 - Em Conimbriga, Claudette Belchior (1969, p. 43 e Est. IX, nº 6) apresenta um fragmento, muito pequeno, de disco decorado como o nosso o que parece ser um braço de "...uma figura humana, talvez."

luta entre um retíario e um *secutor* (A.A.V.V., 1987, p. 137, nº 41 - lampe romaine).

Oferece uma pasta arenosa, com a ausência de e.n.p. na observação feita a lupa, de fratura irregular e muito porosa, tendo uma coloração creme (2.5Y 8/3), e um engobe metálico e espesso, de coloração cinzenta muito escura (7.5YR 2.5/1).

Rosáceas ou Margaridas

Dois fragmentos de discos, muito fragmentados, com os números de inventário (RAJG.19/228, Fig. 6, nº 6), e (RAJG.19/229, Fig. 6, nº 7), encontram-se decorados com motivos de tipo vegetalista: representações de pétalas de uma margarida.

O primeiro fragmento, bastante maior que o segundo, está preenchido por um conjunto de quatro pétalas, as quais ocupam uma área do círculo que nos permite calcular um valor aproximado de 24 a 26 pétalas para o total da flor.

Estas pétalas estão desenhadas, no molde, para que o seu centro se encontre em relevo, o que permite uma representação mais realista, adelgaçando-se, por sua vez, para o centro do círculo.

Sendo uma representação decorativa das mais utilizadas para o preenchimento do disco, atendendo à própria estrutura da lucerna, conheceu uma vida bastante longa, na gramática decorativa, que abrange uma cronologia que vai desde o séc. I a.C. até ao séc. III²⁵.

Poderemos adiantar, para este fragmento, uma cronologia baseada no que resta da orla moldurada e de um possível paralelo aplicado numa lucerna de tipo Deneauve IVA apresentado por Rodríguez Martín (2002, pp. 144 e 316, Fig. XVI, nº 223), grosso modo para o séc. I d.C.

Apresenta uma pasta compacta, em que os

desengordurantes não são visíveis, de fratura rugosa e muito porosa, de cor creme (10YR 8/4), possuindo um engobe, embora bastante erodido, metálico e de cor alaranjada (7.5YR 7/6), com variações de cor arroxeadas (2.5YR 4/2) que delimita as pétalas, quer no seu interior, quer no exterior.

Quanto ao segundo fragmento (RAJG.19/229, Fig. 6, nº 7), possui o mesmo tipo de decoração que o disco anterior. Provêm ambos do mesmo contexto estratigráfico. Apresentamo-lo, no entanto, atendendo ao facto de as duas únicas pétalas que restam da decoração terem, no arco que delimita a parte superior, um acabamento mais retangular do que as anteriormente descritas, que são perfeitamente circulares.

O que resta da orla, decorada com duas ranhuras, parece-nos ser também mais curta, embora na sua morfologia sejam idênticas; no que diz respeito à pasta e engobe, estão, neste caso, muito bem conservados.

Os dois fragmentos de disco têm paralelos, no tipo de decoração que apresentam²⁶, na maior parte dos arqueossítios com ocupação romana; destacaremos alguns, de acordo com um critério de proximidade ou de importância administrativa romana, tais como: Santa Bárbara (Maia & Maia, 1997, p. 124, Lu 506), Tróia (inédito), *Olisipo* – Praça da Figueira (Vieira, 2011, Estampa III, nº 8) e Teatro Romano (inédito), *Scallabis* (Pereira, 2014a, p. 40, Plates XII e XIV, nºs 77 e 102), Conímbriga (Alarcão & Ponte, 1976, p. 147 Planche XXVIII, nºs 104 e 105) e Braga (Morais, 2005, vol. 2, p. 307, nº 10).

Coroa de carvalho

Existem mais dois fragmentos de disco colados (RAJG. 19/224, Fig. 6, nº 8), com deco-

25 - Elisabeth Costa (1973, p. 58) aponta mesmo a possibilidade da previvência deste motivo decorativo até aos sécs IV e V.

26 - Por uma questão de simplificação não levámos em linha de conta o número de pétalas que os exemplares de decoração com este motivo, margarida/rosácea, possam apresentar.

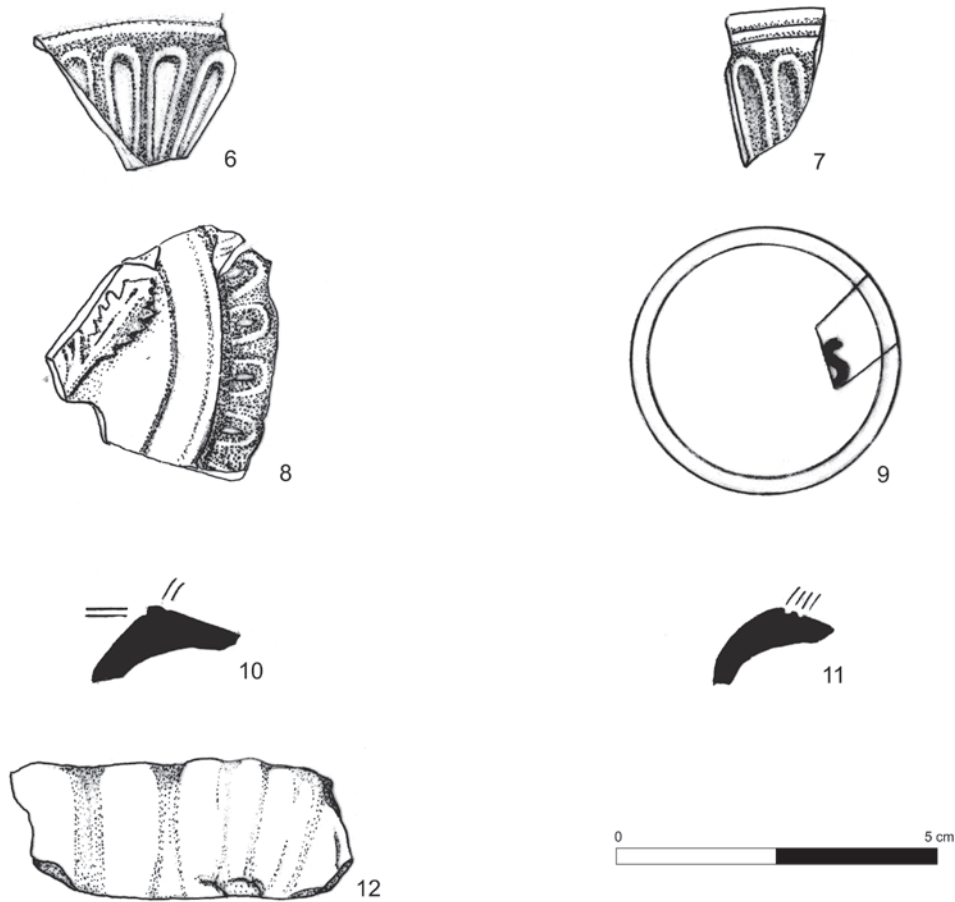


Fig. 6 – Rua António Joaquim Granjo,19. Lucernas.

ração, que devem pertencer, muito provavelmente, a uma lucerna do tipo de bico redondo. Apresenta-se moldurada, possuindo uma orla descaída para o exterior decorada com óvulos, aplicados em lucernas do tipo Dressel/Lamboglia, 27=Loeschcke, VIIIA.

O que resta da decoração do disco não é mais do que uma folha completa de carvalho de execução muito nítida. O ramo que vai de encontro a esta folha bifurca-se antes de chegar a ela, dando lugar à continuação da coroa e completa-se com um outro desvio que, segundo a gramática decorativa deste tema, dará lugar ao pequeno ramo que suportará a bolota.

Para este fragmento propomos uma crono-

logia que se deve inserir num período de tempo lato que irá de meados do séc. II a meados do III²⁷. A pasta é compacta (não se observam e.n.p. à lupa manual), com fratura rugosa e bastante porosa, de cor creme (2.5YR 8/3); possui ainda um engobe bastante erodido, espesso, de reflexos metálicos, e que deveria cobrir todo o disco dando-lhe uma coloração escura na gama dos castanhos acinzentados (7.5YR 4/1) e dos amarelos (10YR 7/6).

Embora esta temática das coroas seja comum na decoração de discos de lucernas exumadas no atual território português, a constituição das mesmas varia na utilização dos seus elementos decorativos que podem

27 - Jean Bussière (2000, pp. 30, 105, 106, 347 e nº 3055) é de opinião que depois de um período da não aplicação deste tipo decorativo da orla existiu um revivalismo que conheceu duas fases “estilísticas”.

ser compostos a partir dos ramos de videira acompanhados por cachos, ou de loureiro, ou de castanheiro com castanhas e de carvalho com bolotas, motivo porque apenas apresentaremos arqueossítios romanos com este tipo de decoração como sejam: *Scallabis* (Pereira, 2014a, p. 40, 102 e Plate XII, nº 75), e Santa Bárbara, concelho de Castro Verde (Maia & Maia, 1997, p. 112-115).

Marcas

A única marca de oleiro encontrada, aplicada num pequeno fragmento de fundo proveniente da Sondagem B, Camada 7 (RAJG.19/282; Fig. 6, nº 9), apresenta pela sua face exterior o resto de um S; deverá pertencer possivelmente ao oleiro GES, atendendo às dimensões dos diâmetros dos círculos concêntricos em que se encontra inserida.

Para Rodríguez Martín (2002, p. 199-201) trata-se de um oleiro lusitano, com uma atividade reconhecida na Península Ibérica e que teria laborado em Mérida “entre mediados del siglo II d.C. y inicios del siglo III d.C.” não tendo sido bem definido o local onde se situaria a sua olaria, embora, recentemente, Macarena Bustamante²⁸ tenha proposto, com um grau de alta possibilidade, uma localização bem perto do “Cerro del Calvario e perto dos rios Guadiana e Albarregas”

Com uma pasta de textura arenosa, muito depurada, fratura concooidal, dura e com porosidade relativa possui cor amarela clara (2.5Y

8/4) e engobe brilhante, espesso e de cor cinzenta muito escura (7.5YR 3/1).

No atual território português, a sua difusão concentra-se em sítios arqueológicas situados preferencialmente em zonas do vale do Sado – Troia, concelho de Grândola (Costa, 1973, pp. 156, 157, e EST.XXXV, nº 105)²⁹, necrópole da Azinhaga do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal (Pereira, 2013, pp. 23, 26 e Fig. 14, nº 1)³⁰, Barrosinha, concelho de Alcácer do Sal (Cabral, 1974, pp. 241, 247-EST II)³¹ – bem como em *Balsa*, concelho de Tavira, (Cabral, 1978, pp. 179 e 180), no Alto Alentejo, na necrópole da Lage do Ouro, concelho do Crato (Caetano, 2002, pp. 210, 211, 213 e EST 2, 4)³² e no concelho de Cascais, na *villa* romana de Freiria (Cravinho, 1993-1994, p. 347, Fig. 11).

Fragmentos de lucernas de tipo indeterminado

1. - Desenhadas³³

RAJG.19/225 – Fragmento de orla descaída para o exterior e separada do disco por ranhura acentuada do tipo “Perfiles” nº 17 de Amaré Tafalla (1988, pp. 50-52 e fig. 59). Segundo esta autora, esta orla poderá pertencer a cinco formas diferentes de lucernas, as quais estão englobadas no seu grupo IV que representa “...la mayor parte de las lucernas romanas de época imperial” (*idem*, p. 40). Disco aparentemente não decorado (Fig. 6, nº 10).

RAJG.19/227 – Fragmento de orla descaída para o interior e separada do disco por duas ranhuras, do tipo “Perfiles” nº 18 de Amaré

28 - Macarena Bustamante-Álvarez e Ana Bejarano Osorio (2015, pp. 145-175) referem, em relação ao espólio exumado, a existência de “numerosas” lucernas do tipo Deneauve VG, considerando-as, cronologicamente, como uma produção de “fines del I d.C” (*idem*, p. 156).

29 - Sobre palma.

30 - *Idem*.

31 - *Idem*.

32 - Dois exemplares: um com o nome sobre palma o outro sem palma.

33 - Não se encontram englobadas nesta descrição os seguintes discos decorados RAJG.19/224, RAJG.19/228, RAJG.19/229, RAJG.19/231 e o fundo RAJG.19/231, os quais foram objeto de estudo mais aprofundado *supra*.

Tafalla (*idem*, p. 51 e fig. 60). Pertencerá, possivelmente a uma lucerna da forma Dressel/Lamboglia 20= Deneauve VII A (Fig. 6, nº 11).

RAJG.19/605 – Fragmento da parede inferior de reservatório em “sillons” (Deneuve, 1974, p. 222) ou “côtes de melon” (Bussièrre, 2000, pp. 32, 33, 377-379 e Fig. 11), com ligeira porção do arranque do bico, de produção tardia em *sigillata* africana (Fig. 6, nº 12). A pasta é homogênea, de fratura irregular, compacta e com a presença de micas e pequenas calcites, sendo de coloração vermelha (2.5YR 6/8). O engobe é espesso e mate, de tonalidade também vermelha (2.5YR 5/8). Estes tipos de lucerna, Deneauve X-XII (?), inserem-se em cronologias que vão do final do séc. III aos inícios do séc. V (Bonifay, 2004, pp. 349-351)³⁴.

2- Não desenhadas

RAJG.19/230 – Fragmento de orla e parede de reservatório.

RAJG.19/276 – Fragmento de parede de reservatório com inflexão para o bordo.

RAJG.19/278 – Fragmento de parede de reservatório junto ao arranque para o bico.

RAJG.19/283 – Fragmento de parede de reservatório.

O Quadro 3 permite-nos apresentar os seguintes considerandos:

- A existência de apenas quatro formas, às quais correspondem 16 fragmentos (66,67 %); os restantes oito fragmentos do conjunto (33,33 %) pertencem a lucernas de formas indeterminadas que nos permitem, por características meramente técnicas, a atribuição de cronologias aproximadas;

- Destacamos o fragmento da parede de *infundibulum*, RAJG.19/605 que certamente pertencerá a uma lucerna de origem norte-africana, da região da atual Tunísia.

- É de salientar a existência de um conjunto significativo de discos decorados, num espólio tão reduzido, pertencentes pelo menos a duas formas de lucernas (Deneauve IV-A e Dressel/Lamboglia 27), o que revela um gosto estético e variado dos diferentes *domini* que a casa provavelmente teve.

- A fraca possibilidade de leitura de uma

Quadro 3 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Lucernas. Distribuição pelos contextos estratigráficos.

| Forma | Sondagem A-B | | Sondagem C | | Sondagem D | | | | Canalização β | | | | Total | |
|------------------------------|----------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|-----------|-----------|
| | C.4A NF NMI | C.7 NF NMI | C.4 NF NMI | C.4 NF NMI | C.3 NF NMI | C.8 NF NMI | C.9 NF NMI | C.9 NF NMI | C.A NF NMI | C.B NF NMI | C.B NF NMI | C.B NF NMI | NF | NMI |
| Deneauve IV - variante A | - | - | - | 1 1 | - | - | 2 2 | 8 1 | 1 1 | - | - | - | 12 | 5 |
| Deneauve V - variante G | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 1 1 | - | 1 | 1 |
| Deneauve VII - variante A | - | - | - | - | - | - | - | - | 1 1 | - | - | - | 1 | 1 |
| Dressel- -Lamboglia 27 | - | - | - | 2 1 | - | - | - | - | - | - | - | - | 2 | 1 |
| Indeter. | 2 | - | 2 1 | 2 - | 1 1 | - | - | - | 1 - | - | - | - | 8 | 2 |
| Total | 2 | - | 2 1 | 5 2 | 1 1 | 2 2 | 8 1 | 1 | 3 2 | 1 1 | 1 | 1 | 24 | 10 |

34 - Encontrámos, na bibliografia consultada, uma lucerna com o mesmo tipo de parede do reservatório, decorada com “godrons”, encontrada em Montans (Tarn), a qual foi classificada como lucerna votiva, em contextos com diacronia do último decénio do séc. I d.C., (Bergès, 1989, p. 51 e 52, fig.25). Também em Tróia, de proveniência desconhecida, uma lucerna estudada por Elisabeth Costa (1973, pp. 145 e 146, Est. XXXIII), com o nº 95, apresenta as paredes do *infundibulum* em “godrons”, com um “... fabrico tardio do séc. II”.

marca de oleiro incompleta, inscrita na base exterior de uma lucerna de forma indeterminada, poderá testemunhar fluxos comerciais entre a capital da província, Mérida, com a cidade localizada na foz do *Calipvs Flumen*.

Considerações finais

Embora o conjunto obtido de lucernas romanas seja apenas 21% do espólio total (paredes finas e lucernas) é de registar o facto de ter sido exumado de apenas duas sondagens, a C e a D, e da Canalização β , envolvendo um número de apenas 7 camadas. Mesmo assim, tivemos oportunidade de elencar os seguintes aspectos:

- Em primeiro lugar, é de salientar, nesta distribuição das formas por sondagens e camadas, a ausência de cronologias republicanas: não foi encontrado nenhum fragmento que possa ter pertencido a lucernas de produção dessa época, o que pode parecer estranho se atendermos a que um número significativo de exemplares de paredes finas remonta a sua origem a período pré-augustano. Sucede, porém, que a cronologia destes tipos pode ter atingido a época de Augusto: a mais antiga ocupação humana da RAJG.19 não deverá, pois, ser anterior a esta época.

- Por outro lado, verificou-se a existência de uma lucerna que, no computo geral do espólio obtido, é a peça que apresenta a mais baixa cronologia deste espólio, com uma cronologia da primeira metade do séc. III d.C., ou dos finais deste mesmo século aos inícios do séc. V, exumada na sondagem D, camada 3, confirmando assim a continuação de um comércio intenso dos aglomerados romanos das duas margens do Sado, durante toda a “crise” económica estrutural do mundo romano, e do consequente período de recuperação.

- Por fim, e partindo das cronologias para os contextos estratigráficos, em geral, não será despidendo afirmar que a sua aquisição se situou principalmente no período áureo dos Júlios/Cláudios, estendendo-se até aos flávios.

- A análise destes dois conjuntos de utensílios cerâmicos produzidos para utilização doméstica – um com o fim da tomada de líquidos, e o outro como meio de obtenção de iluminação – parece revelar uma

intensa atividade deste sítio arqueológico em época Júlio-Cláudia, que se traduz por um forte comércio em que as importações destes bens têm como fonte de abastecimento centros produtores localizados nas penínsulas itálica e ibérica.

Referências bibliográficas

- A.A.V.V. (1987) – *Les Gladiateurs*. Exposition conçue et réalisé par le Musée Archéologique de Lattes. Lat-tes: Imago.
- Alarcão, J.; Alarcão A. (1966-1967) – Achados romanos na villa romana de Cardílio (Torres Novas). *Arquivo de Beja*, 23-24. Beja., pp. 292-320.
- Alarcão A.; Ponte, S. (1976) – Les Lampes. in Alarcão, Jorge e Etienne, Robert (eds.), *Fouilles de Conimbriga. Céramiques diverses et verres.*, VI. Paris, pp. 93-114.
- Alves, C. (2014) – Os Castella do Baixo Alentejo. O caso do Monte Manuel Galo, in Fabião, Carlos e Pimenta, João, eds. *Atas Congresso Conquista e Romanização do vale do Tejo. Circa Arqueologia, n° DEZ'14*, Vila Franca de Xira, pp. 385-403.
- Amaré Tafalla, T. (1988) – *Lucernas Romanas en Aragon*. Zaragoza: Institucion Fernando el Catolico (C.S.I.C.).
- Arruda, A.; Sousa, E. (2003) – Cerâmica de paredes finas da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 6:1 pp. 235-286. Lisboa.
- Arruda, A.; Pereira, C. (2008) – As ocupações antigas e modernas no Forte de S. Sebastião, Castro Marim. *Xelb*, 8.1. Silves, pp. 391-421.
- Arruda, A.; Pereira, C. (2010) – Fusão e produção: actividades metalúrgicas em Monte Molião (Lagos), durante a Época Romana-Republicana. *Xelb*, 10. Silves, pp. 695-716.
- Belchior, C. (1969) – *Lucernas romanas de Conímbriga*. Coimbra: Museu Monográfico.
- Bergès, G. (1989) – *Les lampes de Montans (Tarn). Une production céramique des I^{er} et II^e s. ap. J.-C: modes de fabrication, typologie et chronologie*. DAF, 21. Paris: Maison des Sciences de l'Homme.
- Bonifay, M. (2004) – *Etudes sur la céramique romaine tardive d'Afrique*. Oxford: Archaeopress (BAR International Series 1301).

- Bussièrre, J. (2000) – *Lampes antiques d'Algérie* (Monographies Instrumentum 16). Montagnac: éditions Monique Mergoil.
- Bustamante-Álvarez, M.; Bejarano Osorio, A. (2015) – Evidencias de un nuevo taller cerámico del alfarero GES en AUGUSTA EMERITA. *Conimbriga*, 53. Coimbra, pp. 145-175.
- Cabral, M^a. (1974) – Cinco lucernas inéditas da Barrocinha (Alcácer do Sal). *Actas das II Jornadas Arqueológicas, Lisboa – 1972*. Braga, pp. 175-181, EST I e II.
- Cabral, M^a. (1978) – Marcas de oleiro em lucernas romanas de Balsa, Torre d'Ares in Serrão, Eduardo e Maia, Manuel, eds. *Actas das III Jornadas Arqueológicas 1977*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 239-248.
- Caetano, J. (2001) – *Lucernas Romana de Conimbriga. Escavações de 1963-1970*. Dissertação de mestrado em Arqueologia (área de especialização em Arqueologia Romana). Apresentada à faculdade de letras da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2001.
- Caetano, J. (2002) – Lucernas da necrópole romana da Lage do Ouro (Crato). *Conimbriga*, XLI, Coimbra, p.199-217.
- Cardoso, G. (no prelo) – Estudio Arqueológico de la villa romana de Freiria. Tese de doutoramento apresentada à Universidad de Extremadura (Departamento de Historia y de Arqueología) em 2015.
- Costa, M^a. (1973) – Lucernas romanas de Tróia de Setúbal. Dissertação de licenciatura em História. Faculdade de Letras. Lisboa. Policopiada, vol. I, p. 76 e vol II, Est. XXXV.
- Cravinho, G. (1993-1994) – Algumas peças da villa de Freiria (Cascais). *Conimbriga* XXXII-XXXIII pp. 333-348.
- Deneauve, J. (1974) – *Lampes de Carthage*, CNRS, Paris.
- Diogo, A.; Sepúlveda, E. (2000) – As lucernas das escavações de 1983/93 do teatro romano de Lisboa, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 3, N^o1, pp. 153-161.
- Diogo, A.; Sepúlveda, E. (2001) – Um estudo sobre as lucernas encontradas nas escavações de 1966/67 do Teatro Romano de Lisboa. *Conimbriga*, XL, pp.225-236.
- Ferreira, N.; Cardoso, G.; Santos, F. (2015) – A necrópole Medieval/ Moderno de Arruda dos Vinhos. In Arnaud, José (ed.), *Arqueologia em Portugal – 150 anos*, Lisboa: AAP, pp. 1111-1117.
- López Mullor, A. (1990) – *Las cerámicas romanas de paredes finas en Cataluña*. Barcelona.
- López Mullor, A. (2008) – Las cerámicas de paredes finas en la fachada mediterránea de la Península Ibérica y las Islas Baleares. In Bernal Casasola, Darío e Ribera I Lacomba, Alberto (eds.), *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, RCRF, XXVI, pp. 343-383.
- Marabini Moevs, M. T (1973) – *The Roman thin walled pottery from Cosa (1948-1954)*. Memoirs of the American Academy in Rome. Roma. XXXII.
- Martín Hernandez; E. Rodríguez Martín, G. (2008) – Paredes finas de Lusitania y del cuadrante noroccidental, in Bernal Casasola, Darío e Ribera I Lacomba, Alberto, eds. *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, RCRF, XXVI, pp. 385-406.
- Maia, M^a.; Maia, M. (1997) – *Lucernas de Santa Bárbara*, Câmara Municipal de Castro Verde, Castro Verde.
- Mayet, F. (1975) – *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Paris: CNRS.
- Mayet, F. (1976) – Céramiques à parois fines, in Alarcão, Jorge e Etienne, Robert, eds. *Fouilles de Conimbriga. Céramiques diverses et verres.*, VI. Paris, pp. 385-406.
- Mayet, F.; Tavares da Silva C. (2002) – *L'Atelier d'amphores d'Abul (Portugal)*. Diffusion E. de Boccard, Paris.
- Morais, R. (2005) – *Autarcia e comercio em Bracara Augusta no período Alto-Imperia. Contributo para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial*. Barcelos: Universidade do Minho.
- Morais, R. (2010) – Cerâmica de paredes finas. In *Castelo de Lousa: Intervenções arqueológicas de 1997 a 2002*. In Alarcão, Jorge; Carvalho, Pedro e Gonçalves, Ana (eds.), *Studia Lusitana*, 5. Mérida pp. 153-172.
- Mota, N.; Pimenta, J.; Silva, R (2014) – Acerca da ocupação republicana de Olisipo: os dados da intervenção na Rua do Recolhimento n^os 68-70. In Fabião, Carlos e Pimenta, João (eds.), *Atas Congresso Conquista e Romanização do vale do Tejo. Cira Arqueologia, n^o DEZ'14*, Vila Franca de Xira, pp. 149-177.
- Nolen, J. (1976-77) – Alguns fragmentos de paredes finas de Miróbriga. *Setúbal Arqueológica*, 2-3. Setúbal, pp. 423-454.

- Nolen, J. (1994) – *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares. Balsa*. Lisboa: Instituto Português de Museus e Museu Nacional de Arqueologia
- Nossov, K. (2009) – *Gladiator. Rome's bloody spectacle*. Nova Iorque: Osprey.
- Passelac, M. (1993) – Les céramiques à parois fines, in PY, Michel, ed. *Dictionnaire des céramiques antiques en Méditerranée nord-occidentale*. Lattara, Lattes, 6, pp. 511-521.
- Pereira, C. (2012) – O sítio romano do Vidigal, Aljezur. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 15, pp. 155-179, Lisboa.
- Pereira, C. (2013) – Lucernas romanas de Alcácer do Sal, entre a prática e o sagrado. *Al.madan on line*, II Série (17). Tomo 2. Almada, pp. 13-28.
- Pereira, C. (2014a) – *Roman Lamps of Scallabis (Santarém Portugal)*. BAR International Series 2627. Oxford: Hadrian Books.
- Pereira, C. (2014b) – Reflexiones sobre el decaer del comercio de lucernas romanas en el Occidente peninsular. *Onoba, Revista de Arqueología y Antigüedad*. Nº 2. Huelva, pp. 191-206.
- Pimenta, J. (2014) – Os contextos da conquista: *Olisipo e Decimo Jvnió Bruto* in Fabião, Carlos e Pimenta, João, eds. *Atas Congresso Conquista e Romanização do vale do Tejo. Cira Arqueologia, n.º DEZ'14*, Vila Franca de Xira, pp. 44-60.
- Pimenta, J.; Henriques, E. & Mendes, H. (2012) – *O acampamento romano do Alto dos Cacos, Almeirim*. Associação de Defesa do Património Histórico e Cultural do Concelho de Almeirim.
- Pimenta, J.; Mendes, H.; Henriques, E. (2014) – O acampamento militar romano do Alto dos Cacos – Almeirim. In Fabião, Carlos e Pimenta, João (eds.), *Atas Congresso Conquista e Romanização do vale do Tejo. Cira Arqueologia, n.º DEZ'14*, Vila Franca de Xira, pp. 256-292.
- Pimenta, J. et al. (2014) – O estabelecimento romano republicano de *Olisipo*: estrutura e contextos do Beco do Forno do Castelo, Lote 40 (n.16-29) – Lisboa. In Fabião, Carlos e Pimenta, João (eds.), *Atas Congresso Conquista e Romanização do vale do Tejo. Cira Arqueologia, n.º DEZ'14*, Vila Franca de Xira, pp. 122-148.
- Ponsich, M. (1961) – *Les lampes romaines en terre cuite de la Maurétanie Tingitane*, PSAM 15, Rabat.
- Ricci, A. (1985) – Ceramica a pareti sottili. In *Atlante delle forme ceramiche II - ceramica fine romana nel bacino mediterraneo (tardo ellenismo e primo impero)*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, p. 241-353, Tavolas LXXVIII-CLIX.
- Rodríguez Martín, G. (1996a) – *Materiales de un alfar emeritense: paredes finas, lucernas, sigillatas y terracotas*. Cuadernos Emeritenses. Merida. 11.
- Rodríguez Martín, G. (1996b) – La cerámica de “paredes finas”, en los talleres emeritenses. *Mélanges de la Casa de Velázquez*. Madrid, tome XXXII, 139-179.
- Rodríguez Martín, F. G. (2002) – *Lucernas romanas del museo nacional de arte romano (Mérida)*, Monografias Emeritenses 7, Museu Nacional de Arte Romano, Mérida.
- Sepúlveda, E.; Sousa, É.; Faria, J.; Ferreira, M. (2003) – Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 3: paredes finas, pasta depurada, engobe vermelho pompeiano e lucernas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 6, nº2, Lisboa, pp. 383-399.
- Soares, J.; Tavares da Silva, C. (1973) – Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal), in *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, Lisboa, Vol. I, pp. 245-280, Estampas e figuras, pp. 122-148.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J. (1993) – *Ilha do Pessegueiro. Porto romano da costa alentejana*. Lisboa
- Tavares da Silva, C.; Soares, J. (1997) – Chibanes revisitado. Primeiros resultados da campanha de escavações de 1996. *Estudos Orientais*. Lisboa, 8, Lisboa, pp. 33-66.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Wrench, L. N. C. (2010) – Os primeiros mosaicos romanos descobertos em Caetobriga. *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*, 3, p. 149-164.
- Tavares da Silva, C.; Soares, A.; Beirão, C.; Dias, L.; Coelho-Soares, A. (1980-81) – Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*, 6-7, Assembleia Distrital de Setúbal, Setúbal, pp. 149-218.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Coelho-Soares, A.; Duarte, S.; Godinho, R. (2014) – Os primeiros mosaicos romanos descobertos em *Caetobriga*. *Musa*, Vol. 4, Setúbal, pp. 161-214.
- Vieira, V. (2011) – *As lucernas romanas da Praça da Figueira (Lisboa): Contributo para o conhecimento de Olisipo*. run.unl.pt/handle/20362/6957.